



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no 1º
Encontro Nacional da Agricultura Familiar**

Brasília-DF, 12 de julho de 2004

Meus queridos companheiros e companheiras representantes da nossa agricultura familiar. Eu queria até pedir para o Tortelli vir aqui, para frente,

Meu querido Altemir,

Meu querido Dirceu,

Minha querida Severine, que está sentada aí no chão, nossa querida coordenadora de Juventude da Fetraf Sul,

Eu quero começar dizendo para vocês que é com muita alegria que eu vejo que a Fetraf evoluiu nesses últimos 3 anos.

Quando a Fetraf foi fundada, em 2001, eu fui convidado para ir, não sei se em Chapecó, participar da fundação da Fetraf. Depois nós fizemos a caravana pelos três estados do sul do país. E eu me lembro que, naquela época, quando se falava da construção da Fetraf, havia uma certa divergência no movimento sindical, que não vou explicar qual era, porque vocês sabem. Havia aqueles que diziam que a Fetraf era apenas uma entidade que representava os três estados do Sul do país. E hoje, é com alegria que eu vejo a Fetraf no Sul, no Sudeste e no nosso querido nordeste, já na Bahia, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco, numa demonstração de que houve uma evolução muito grande, mas ainda falta um monte de estado para que a Fetraf se transforme definitivamente numa entidade nacional, representando os trabalhadores de todos os estados.

Eu estou lembrando esse fato, porque assim também acontece com quem governa, assim também acontece com um prefeito, com um governador, com um presidente da República: você é eleito para cumprir um programa e



esse programa é feito em dois momentos. Primeiro, na medida em que se tenha tempo de executar esse programa; segundo, na medida em que se tenha os recursos necessários para fazer aquilo que é preciso fazer.

E é com muita alegria que eu venho hoje, aqui, em Brasília, participar desse novo, na verdade novo, não, esse aqui é o I Encontro Nacional da Fetraf, já com a presença de 22 estados da Federação, o que aumenta, e muito, a conquista dos companheiros da Fetraf.

Mas o Rossetto já falou, hoje de manhã, e certamente outros companheiros já falaram. Eu queria apenas dizer para vocês que, quando nós fomos fazer o nosso primeiro programa de financiamento da agricultura familiar, a nossa primeira constatação foi de que havia uma diferença muito grande entre o dinheiro anunciado na televisão e o dinheiro liberado, e ainda, do dinheiro liberado, quantas pessoas, na verdade, se atendia. E nós descobrimos, foi até motivo de discussão na nossa primeira caravana da Fetraf Sul, que praticamente 80% do dinheiro do Pronaf ficava na parte Sul e Sudeste do país, sobretudo no sul, onde tinha trabalhadores mais organizados, onde tinha uma tradição melhor, seja de cooperativas, seja de sindicatos, seja da Fetraf Sul, seja da organização das próprias famílias.

E a gente olhava o mapa do Brasil e constatava que no Norte e Nordeste do país não tinha quase ninguém que tivesse acesso ao dinheiro do Pronaf, porque faltava cultura, quem sabe porque faltasse vontade dos bancos em liberar o dinheiro. Muitas vezes, os bancos não funcionavam corretamente e também não havia uma organização melhor dos trabalhadores.

O que aconteceu no nosso primeiro Plano Safra? Esse dado, governador Luiz Henrique, é muito importante. No ano passado, o nosso Plano Safra começou em junho, e até este ano, nós praticamente dobramos o número de contratos feitos na região Centro-Oeste do país. Aumentou em 93% o número dos contratos.



No Nordeste brasileiro, o número de contratos aumentou 97%, ou seja, praticamente o dobro da safra anterior. No Norte do país é que houve um fenômeno, aumentou em 199% o número de contratos e em 161% a quantidade de dinheiro liberado, numa demonstração de que foi possível, pela primeira vez, nacionalizar o dinheiro que a gente colocou à disposição da agricultura familiar. Não é que o Sul tenha caído, o Sul também aumentou um pouco mas, pela primeira vez, o dinheiro se espalhou pelo país.

Isso levou em conta duas necessidades básicas. A primeira, é que nós saímos da liberação de 53% de dinheiro, ou 57%, para 83% na primeira safra organizada por nós, e vamos trabalhar, tanto o Ministro de Desenvolvimento Agrário, quanto o Banco do Brasil, BNDES, Basa, e outros bancos para que a gente consiga liberar, nesta safra agora, a totalidade dos 7 bilhões de reais colocados à disposição da agricultura familiar.

Um dado extremamente importante que nós anunciamos no ano passado, mas que não deu certo, e nós não conseguimos atingir a nossa meta, foi a linha de crédito para a mulher trabalhadora e a linha de crédito para a juventude. Porque não deu certo? Porque não basta anunciar na televisão, é preciso preparar as pessoas para terem acesso, inclusive, preparar a família.

Este ano, nós vamos ter que aprimorar porque eu estou vendo aqui uma faixa escrita: “políticas públicas para a juventude rural”. Quando nós colocamos o crédito para os jovens, estava dentro do espírito de se criar uma política pública para a juventude. Para agora, estamos tentando discutir o que nós chamamos de pacote da cidadania. O que é pacote da cidadania? É você tentar levar para convencer a juventude a ficar no campo.

A juventude só vai ficar no campo se tiver um atrativo para ficar. Ela tem que ter educação no campo, ela tem que ter saúde no campo, ela tem que ter energia elétrica no campo, por isso é que nós estamos discutindo, desde o ano passado, a necessidade de criarmos núcleos em que as pessoas possam criar comunidades, ali perto; a gente possa fazer as casas, a escola, o posto médico



e outras coisas de que as pessoas tanto precisam porque, senão, não será com discurso que a gente vai convencer a juventude a ficar no campo. Quando o jovem tem 17, 18 ou 19 anos, ele está doidinho para ir para a cidade, se não tiver uma perspectiva dele trabalhar decentemente com a sua família.

É por isso que nós estamos criando a linha de crédito para a juventude. Ou seja, um pai pode ter o financiamento para sua roça, a mãe pode pegar outro financiamento, sem precisar depender do financiamento do pai. E o filho pode pegar um outro financiamento, sem depender do financiamento do pai ou da mãe. Com essas condições, vamos ver se conseguimos manter mais jovens no campo.

Uma outra coisa importante é a questão do crédito, que eu acho importante vocês saberem. O Tortelli certamente conhece bem, o Miguel Rossetto conhece bem, aqui tem o representante do Banco do Brasil, mas eu poderia falar do Basa, poderia falar do BNDES. A verdade é que durante muito tempo os nossos bancos foram desaprendendo como fazer financiamento para o pequeno, durante vários anos. Por quê? Porque era mais fácil fazer financiamento para quem fosse tomar uma grande quantidade de dinheiro emprestado. No ano passado já houve uma melhora extraordinária e, neste ano, podem ficar certos que a melhora vai ser muito maior ainda. O gerente do banco tem que estar preparado para, quando chegar um companheiro no banco, por mais humilde que seja, ele seja tratado dignamente e decentemente, com o respeito que nós precisamos tratar todos os seres humanos.

Nós estamos lidando com seres humanos. Portanto, é mais fácil fazer um discurso do que fazer acontecer, na prática. O que vai fazer acontecer é o comportamento de vocês. Na hora em que vocês chegarem num banco e forem maltratados, alguém tem que saber porque, senão, a gente não consegue consertar. Eu estive numa reunião em que a Fetraf Sul estava, e estava lá o Banco do Brasil, o BNDES e também o Basa, e já houve uma



evolução extraordinária no trato com a agricultura familiar.

O Tortelli é testemunha, uma das primeiras coisas que nós fizemos quando chegamos ao governo, foi mudar a legislação para que pudéssemos facilitar a organização de cooperativas de crédito e de produção. Não está andando ainda com a pressa que nós gostaríamos que andasse, porque o meu desejo é transformar o Brasil no país mais cooperativo do mundo, é fazer com que o Brasil se transforme num país organizado em cooperativas.

E aí, os companheiros do Sul têm uma responsabilidade muito grande, e eu vou explicar o porquê. Porque cooperativa não é uma coisa que o governo cria, o governo pode facilitar a legislação, mas a cooperativa só dará certo se for uma vontade dos cooperados, se ela surgir de baixo para cima e se organizar. Se a gente tentar criar uma cooperativa de cima para baixo, ela vai terminar não dando certo. É preciso que haja uma consciência dos trabalhadores, de que precisam se organizar em cooperativas. Vai aumentar a produtividade, vai melhorar a lucratividade de vocês, vai melhorar a qualidade dos produtos que vocês plantam, vocês vão produzir muito mais e, quem sabe, vão poder se organizar em agroindústria para colocar valor agregado no produto que vocês fabricam.

Por exemplo, eu não sei quem fabricou esse biscoitinho que eu ganhei aqui, mas esse biscoitinho estava “da hora”, esse biscoitinho estava de primeira... é de Pernambuco? Então, é um biscoito de Pernambuco, e está de boa qualidade; se tivesse para vender, eu até compraria, mas não tem para vender. Eu agradeço.

Uma outra coisa importante é a questão da educação. Companheiros, nós assumimos um compromisso de que a educação é a base para todas as outras coisas que nós precisamos fazer. Sem educação nós vamos fazer muito pouco. Por isso é que, na última sexta-feira, tivemos uma reunião com o ministro Miguel Rossetto. O ministro Miguel Rossetto, o Tarso Genro, que é o ministro da Educação, e outras áreas do governo vão se juntar para que a



gente possa apresentar um pacote de educação para a nossa agricultura familiar e para os assentamentos também. Vamos tentar organizar um pacote para que a gente possa dar solução.

Tem algumas coisas que não custam tanto dinheiro. Por exemplo, nós estamos com o programa Luz no Campo. Se não tiver luz, na base do candeeiro vai ser mais difícil aprender. Então, nós temos que levar luz. Nós temos que levar escola, nós temos que ver a questão da moradia porque as pessoas precisam ter casa para morar. E, ao mesmo tempo, ainda temos que levar o Saúde Família para os assentamentos e para a agricultura familiar, porque senão as pessoas tenderão a deixar o campo e ir morar numa cidade, nem sempre em condições humanas dignas de respeito.

E, por último, eu quero falar de um tema que vocês colocaram aqui: reforma agrária. Nós assumimos um compromisso de fazer a reforma agrária, aqui, nesse plenário, quando viemos num encontro em que estava a Fetrat Sul, os Sem-Terra, a Contag e todos os outros movimentos que lutam pela reforma agrária no Brasil. E nós viemos aqui para conversar com muita franqueza com os trabalhadores e dizer para eles: assumimos um compromisso de assentar 430 mil famílias e, ao mesmo tempo, regularizar mais 130 mil propriedades, ou seja, reconhecer o título de terra. Muita gente pode dizer: é pouco ou é muito.

Eu confesso a vocês que eu não estou tão preocupado se vai ser 1 milhão ou 500 mil. Obviamente que eu gostaria de assentar 3 milhões, 5 milhões, 10 milhões. Mas ao mesmo tempo que vamos assentando famílias, precisamos nos preocupar com quem já tem a terra, que está lá com a sua família na terra. Se não houver uma ação rápida por parte do governo, esse que tem a terra, hoje, vai ser o sem-terra de amanhã. Então, fica um absurdo, fica uma coisa absurda no Brasil, é quase uma coisa insolúvel, porque eu pego a companheira aqui, que é sem-terra, e levo para o campo; mas tem uma que já está no campo e, como o governo não foi lá cuidar daquela, ela sai do campo. Então, eu ponho uma, sai uma, eu ponho uma, sai uma. Não, nós



precisamos parar com isso.

Nós queremos manter as pessoas – perdi o hábito de fazer discurso – que estão no campo, criar as condições de financiamento, de assistência técnica para quem já está no campo. E as pessoas novas que nós levamos, não é para levar e largar, como era feito há muitos anos neste país, em que se largava a pessoa esquecida. É preciso levar as pessoas para o campo e cuidar, dar assistência técnica, o financiamento, garantir até o preço mínimo para que a pessoa não fique vítima do mercado. Tudo isso é compromisso do governo, que o companheiro Miguel Rossetto está colocando em andamento neste país.

O companheiro Tortelli veio aqui e, eu diria, de forma muito justa, fez algumas reivindicações – eu vou te dar um abraço meu amor, daqui a pouco eu pulo aí e te agarro, você vai ver, fica aí – uma coisa importante que o Tortelli falou é que nós, do governo, não queremos que vocês parem de reivindicar. Nós achamos que reivindicar é a forma pela qual vocês podem contribuir com o governo para o governo não pensar que já fez tudo. Nós estamos no começo e vocês, que são agricultores, sabem o quanto demora entre plantar e colher. Governar é a mesma coisa. Nós estamos criando as bases para que este país possa viver mais feliz aceitando a idéia, admitindo, e não aceitando coisa contrária, de que a agricultura familiar é muito importante para o desenvolvimento do Brasil. Cinquenta por cento da soja plantada no Brasil, este ano, saiu da agricultura familiar; mais da metade da carne suína e da carne de frango é da agricultura familiar. Ora, se isso é verdade, nós temos que aprender a tratar vocês cada vez mais com respeito e cada vez mais facilitar para que as coisas aconteçam, para que a gente tenha no campo uma bela forma de geração de empregos. E se a gente conseguir combinar produção, industrialização e comercialização, vamos poder gerar emprego para o pai, para a mãe, mas também para o filho e para a filha, sem precisar fazer com que eles se desloquem para a cidade.



Esse é um compromisso, companheiros, que eu gostaria de reiterar, porque como é a quarta vez que participo de um encontro da Fetraf Sul, a primeira vez como Presidente da República, eu quero dizer para vocês o seguinte: eu quero que trabalhem com a idéia de que, muitos de vocês foram amigos que nós construímos ao longo de 20 anos. Eu consigo distinguir quem era meu amigo quando eu perdi eleições, dos meus amigos quando eu ganhei as eleições. Eu tenho bem claro, hoje eu sou Presidente da República porque vocês me elegeram para fazer aquilo que não é um compromisso meu, é um compromisso nosso. E, possivelmente, a gente não consiga fazer tudo aquilo que a gente quer fazer, pois nem sempre a gente consegue fazer tudo que quer fazer na vida. A única coisa que eu não quero perder, e eu sei que daqui a dois anos e meio termina o meu mandato, é quando eu não for mais Presidente da República, ter o direito de encontrar com vocês, olhar de cabeça erguida e dizer: eu não sou mais o presidente, mas continuo com meus amigos de sempre, lutando para que este país possa melhorar.

Muito obrigado, gente. Bom Congresso para vocês. Que Deus abençoe vocês neste Encontro.